

A juventude e a transformação social

O tempo da juventude ampliou-se. E isso é uma conquista, desde que os jovens continuem a representar os sonhos de uma sociedade justa e de uma vida digna

José Leon Crochík

A juventude, termo que será tomado neste texto como sinônimo de adolescência, inclui entre os seus diversos significados o de ser uma fase transitória do desenvolvimento: passagem do período infantil para o adulto. Em tal significação, pouco se considera o que aprendemos com a psicanálise: o passado sempre permanece, mesmo que de forma oculta, e determina a vida no que virá. Se isso procede, para pensarmos a juventude, devemos levar em conta os diversos conflitos e anseios presentes na criança e as expectativas que esses conflitos e anseios contêm para a vida adulta. Na adolescência, o passado serve de base para que a proximidade da vida adulta possa ser enfrentada, agora com outros recursos; e isso é verdadeiro se pensarmos que os conflitos resultam somente na adaptação ao que se espera do jovem, com a eliminação do que se contesta na juventude.

A expressão "sonhos da juventude" indica que algo não realizado permanece no adulto. Max Horkheimer e Theodor W

Adorno, em *Dialética do Esclarecimento* (1947), argumentam que a crise dos "40 anos", na qual várias pessoas tentam romper com o que são, acontece devido à consciência de que aqueles sonhos não foram cumpridos. Na década de 1940, afirmaram: 'Ao atingir a década dos 40 anos, as pessoas costumam fazer uma estranha experiência. Elas descobrem que a maioria das pessoas com que cresceram e mantiveram contatos começa a demonstrar distúrbios em seus costumes e em sua consciência. Um torna-se tão negligente em seu trabalho que seus negócios começam a periclitarem, outro destrói o casamento sem a menor culpa da mulher, um terceiro vem a cometer desfalques... É como se as pessoas, como castigo de terem traído as esperanças de sua juventude e terem se ajustado ao mundo, fossem marcadas por uma precoce decadência'.

Essa contraposição entre passado e presente só pode ser pensada se admitirmos que há outros caminhos possíveis a



serem trilhados pelos jovens além dos que aparentemente lhe garantem uma vida segura. Assim, é necessário que nesta análise seja considerado o que a sociedade em seus diversos momentos oferece como possibilidades, quer as que são por ela fortalecidas, quer aquelas que a contestam; a perspectiva histórica, portanto, é fundamental para entendermos a contraposição e seus conflitos. Não é possível pensá-los somente por meio do que é natural aos homens, ou tampouco reduzi-los às determinações psíquicas.

Se a história, segundo Adorno, é síntese de continuidade e ruptura, não há razão para entendermos o desenvolvimento da sociedade e, portanto, o desenvolvimento dos jovens, somente como progresso. Este, se não torna os homens mais felizes e livres, pode produzir o seu contrário: regressão. Cabe, assim, compararmos a juventude em diversos momentos e lugares para melhor compreendê-la, por meio das semelhanças e diferenças entre as experiências vividas.

A juventude em transição e como transição

A nenhuma outra fase do desenvolvimento humano atribui-se tanto o caráter de provisório quanto à juventude. Mesmo a infância traz um aparente caráter mais fixo do que a juventude. Mas isto de maneira nenhuma é natural, pois todas as fases de desenvolvimento, nomeadas pela nossa cultura, são passagens para outras. Embora a criança não seja mais entendida como um adulto em miniatura, ela é percebida sempre tendo em vista a vida adulta, como fazem a psicologia e a pediatria, que estabeleceram o que se pode ou não esperar da primeira fase da vida, sempre tomando-a por suas características próprias, que devem desaparecer no homem adulto. Não é casual que a psicanálise lute por encontrar, por trás das muralhas da vida adulta, a criança que, gerada por adultos, gesta novos adultos: é pai e mãe do que virá a ser. A própria psicanálise quase não atribui nada de novo à juventude, a não ser que os desejos

Cenas do filme mexicano *Y tu mamá también*: conflitos e angústias de dois jovens, cuja vida é marcada pela irreverência, pelos hormônios e pelo desejo precipitado de se tornarem adultos

infantis encontram maturidade corpórea e psíquica para se realizar, o que não é pouco.

Se o conceito de juventude traz a idéia de transição, ela é marcada como Idade de Ouro, para a qual os sonhos dos adultos e idosos se voltam. Mais do que uma contradição, os sonhos indicam expectativas, projetos para a vida adulta; e também é o momento para que valores e princípios sejam postos em questão. Eles podem ser refletidos, mesmo porque o jovem ainda não tem a vida amorosa, profissional e financeira "estabelecida". Claro que isso vale para aqueles que não têm de se dedicar ao trabalho precocemente, mas esses não deixam de ser aprendizes, e, assim, vivem também uma fase de transição e devem guardar sonhos de no futuro serem mestres, ou ocupar outro lugar nas linhas de montagens.

Se, novamente com o auxílio da psicanálise, concebermos que o desejo e a sua realização não coincidem, e que a realização do projeto, quando isso ocorre, fica sempre aquém do sonhado, a formulação do desejo

Quando insistimos na importância dos adultos para a vida dos jovens, não queremos defender a tradição, mas evitar que a todo momento tudo tenha de ser reiniciado. O modelo é apenas uma referência

já é uma forma de sua realização. Assim, podemos dizer que no momento em que são formulados, já são realizados. Se isso procede, nas fases posteriores à juventude a lembrança dos sonhos juvenis recorda a própria realização do desejo: a possibilidade de ele ser expresso. Como para o adulto a abdicção dos desejos é norma — deve ser frio, bem adaptado ao que se exige para que possa dar conta de sua sobrevivência e de sua família —, esses desejos mal podem ser lembrados, quanto mais expressos.

Na juventude, a proposição de projetos para a vida adulta e o questionamento de valores e princípios ocorrem quando ela é uma fase de transição que permite o ócio. O desejo, em nossa cultura, de sermos eternamente jovens e o culto à juventude talvez encontrem nessa possibilidade de ócio a possibilidade de sua existência: a de podermos ter desejos e projetos a vida toda.

Esses desejos e projetos têm a vida infantil como referência. Incorporamos os desejos

e as expectativas dos adultos que cuidam de nós; ao mesmo tempo, a cultura incita os jovens a buscar seus próprios caminhos, o que implica negar aqueles desejos e projetos, que, no entanto, afirmados ou negados, servem-lhes de referência. Temos a tendência a ser conservadores, isto é, a conservarmos o que nos dá segurança. Se a cultura não impelisse os jovens para fora da família, esses não teriam motivos para buscar outras relações. Mesmo quando a família não parece a quem olha de fora "um paraíso", ainda assim, vínculos importantes para os seus membros podem ter sido formados. De todo modo, os jovens devem buscar relações fora da família, e ter nesta uma referência importante. Quando insistimos no termo família, entendemos que se trata da relação entre adultos e crianças, enfatizando que a função da educação é a transmissão do patrimônio cultural para as novas gerações, para que essas possam inovar a partir de um saber já constituído, passível de modificação.

Na busca de caminhos próprios é comum os jovens procurarem uns aos outros, visto que têm objetivos comuns. Também é compreensível que, por vezes, agridam os adultos, já que são impelidos a deles se diferenciar, só que para isso necessitam exagerar o afastamento, presente na agressão. Mais à frente, na vida adulta, em geral, as boas relações são retomadas, e pode-se perceber que os pais não precisam ser afastados para que os filhos encontrem seu próprio lugar.

Quando insistimos na importância dos adultos para a vida dos jovens não queremos defender a tradição, mas evitar que a todo momento tudo tenha de ser reiniciado. Se os adultos são modelos importantes para os filhos, isso não implica que os filhos irão repeti-los tal como os percebem. O modelo é uma referência, que deve ser incorporada, vivida, refletida e modificada segundo o que for necessário, conforme a experiência.

Se a juventude é vista como transição, é também percebida como fase de protesto, e esse protesto não deve ser reduzido a conflitos entre gerações. É porque os jovens ainda não assumiram papéis mais fixos que podem se rebelar. Mas não é rebelião sem causa. O que deveria ser intenso na juventude é o desejo de viver, mas também é a percepção que a vida dos adultos e a dos idosos não são; necessariamente boas. Conseguem, se são dadas condições para isso, perceber as contradições

entre o que é pedido e o que é feito pelos mais velhos; podem pensar o amor, a fidelidade, a política, a sexualidade, a hipocrisia etc.. Em *Sociologia y Psicología* (1955), Adorno observa: "Está para ser visto se essa pausa para tomar alento, que a existência burguesa concede ao menos aos mais bem situados — que se oferecem como material de prova da psicanálise — é na prática tão vã e incapaz para a ação como parece nas associações livres dos pacientes no divã; mas o que é certo é que não haveria nem sequer amizade ou fidelidade, nem idéias de nenhuma classe sobre nada essencial, sem essa pausa".

A contestação da juventude na década de 1960

No passado recente, ps movimentos juvenis anteciparam o dos trabalhadores,

sendo incentivo para esses últimos, o que foi uma novidade histórica. A juventude da década de 1960 criticou tanto a universidade sem compromissos com a liberdade e com a justiça quanto a sociedade que gera opressão e desigualdade. A clara consciência de alguns de seus membros — Cohn-Bendit e Rudi Dutschke — de que o movimento estudantil por si só não traria a mudança social mostra uma maturidade teórica que a maioria dos adultos jamais desenvolveu. Não achavam que o movimento fosse inútil, e se espantaram com sua rápida expansão; tinham, contudo, clareza de seus limites. O protesto que fizeram não era específico para os jovens e tomou um caráter universal: o mundo deveria ser mudado. Naquela década, embora os motivos que levaram à eclosão dos movimentos jovens variassem,



© Edward Hopper 2, Evening Wind, 1921, gravura em metal. Reprodução

Gravura do artista americano Edward Hopper: "A nenhuma outra fase do desenvolvimento humano atribui-se tanto o caráter de provisório como à juventude"

todos se relacionavam: na França, a reforma universitária teve um papel importante; nos Estados Unidos, a guerra do Vietnã; no Brasil, a ditadura militar. Os movimentos estudantis daquela década travaram, sobretudo, uma luta cultural. Em regimes capitalistas ou socialistas, em países desenvolvidos e nos do terceiro mundo, não era somente a questão econômica ou política que os balizava, mas também a insatisfação com a vida proporcionada pela sociedade industrial, que substituiu o que era verdadeiramente importante para os homens — a convivência pacífica, livre e feliz — pelo consumo de bens supérfluos. Era uma luta contra o capitalismo, contra o socialismo burocrático, contra a miséria material e espiritual.

Tais movimentos envolveram não somente universitários como também jovens que cursavam o que seria atualmente para nós o ensino médio. Se a juventude é considerada por Erik H. Erikson, em *Identidade, Juventude e Crise* (1968), como uma moratória para o ingresso ao mundo adulto, era este, sobretudo, que era combatido. A política, a repressão à sexualidade, a moral, foram

postas em questão, visando à felicidade e à liberdade de todos. Segundo Olgária Matos, em *Paris 1968: as barricadas do desejo* (1981), mais do que ações, esses movimentos libertaram também as palavras, a expressão. Se os movimentos nasceram nas universidades, a ocupação dessas e das ruas tinham objetivos que as transcendiam.

No ensaio "La Francia revolucionaria: imágenes e ideas" (1968), do escritor Carlos Fuentes, há um argumento importante dos estudantes, sobretudo os das áreas de humanas: se aprendiam na universidade a fazer a crítica social, essa deveria ser abandonada tão logo ocupassem seus lugares em empresas ou burocracias estatais; o sociólogo deveria dar instrumentos de controle ao poder; o psicólogo, adestrar os trabalhadores para o proveito do capital; caso optassem por ser professores, transmitiriam a crítica, para que seus alunos no futuro tivessem que "abandoná-la". Ora, essa ruptura entre a universidade e o mundo do trabalho marca por si só uma contradição social: a sociedade que administra tudo, de mercadorias a pessoas, que também são convertidas em mercado-

fia, traz a crítica à própria administração; contudo, essa crítica só poderia ser expressa na academia, sem que as ações pertinentes a ela pudessem ser desenvolvidas. Outro argumento, apresentado nesse mesmo texto, indicou a amplitude desses movimentos estudantis: nesta sociedade, é possível a crítica à universidade, mas não a universidade crítica; é a sociedade que deve ser transformada.

Esses jovens se opunham ao apreço excessivo aos bens de consumo e ao uso irracional da tecnologia, que servia mais à exploração dos homens, sobretudo dos trabalhadores, do que ao próprio homem. Contrapunham-se também à fragmentação entre vida pública e vida privada, a que existe entre política, cultura, subjetividade. Combatiam o poder hierárquico. Não se importaram com a tomada do poder político, diziam que não eram golpistas e sim revolucionários. A eleição francesa para o legislativo e mesmo a possibilidade de um líder de esquerda — François Mitterrand — ser eleito não eram importantes: a revolução não deveria vir de cima, mas do povo. Para Cohn-Bendit, um dos jovens revolucionários, os participantes do movimento tinham consciência de que sozinhos não iriam muito longe, era preciso envolver os operários. Esse objetivo, no entanto, não era fácil de ser alcançado, uma vez que as condições objetivas dos trabalhadores franceses eram satisfatórias. Aliás, a ação do Partido Comunista Francês e da Central Geral dos Trabalhadores, segundo Olgária Matos, tinha se restringido às reivindicações salariais e condições de trabalho, abandonando o que seria próprio das ações transformadoras, e tendo um papel decisivo no fim do protesto dos jovens, ao tentar evitar a aliança com os estudantes, tendo em vista os seus interesses eleitorais. Apesar disso, os trabalhadores fizeram uma das maiores greves da história, e a cisão entre trabalhadores e estudantes, estes tachados de burgueses, também foi em boa medida superada, ainda que por pouco tempo.

Quanto à luta pela liberdade sexual, Herbert Marcuse observou, em *Eros e Civilização* (1955), não se tratar de novidade, pois já na década de 1920 ela estava em curso. Marcuse afirma, no entanto, que essa liberdade era uma nova forma de opressão: a sexualidade fora liberada, mas servia à higiene, à saúde, estando divorciada do prazer explosivo que contém quando não é limitada. Antes, as relações sexuais no campo permitiam que os interesses pelo mundo se expandis-

sem; no motel, esses são restringidos ao ato. Em outro texto, "A Nova Mentalidade Alemã" (1942), Marcuse, ao estudar o nazismo, notou que a liberdade sexual, voltada para a promiscuidade e a infidelidade, cumpriu um papel importante: não permitir que as pessoas estabelecessem vínculos duradouros, tornando-os substituíveis. Para Adorno, em "Tabus Sexuais e Direitos Hoje" (1963), nos anos 1950, a liberdade sexual convivia com sua repressão: a perseguição às prostitutas e aos homossexuais mostrava os limites a essa liberdade; valia, na época, a "sexualidade dessexualizada", o ato foi liberado, o impulso continuava reprimido. A revolução sexual dos movimentos estudantis de 1968 ia além da sexualidade; pedia por diversas experiências novas, defendia as minorias sexuais, entre elas, os homossexuais; política e liberdade não se dissociavam. Uma frase

Para Adorno, a liberdade sexual dos anos 50 convivia com sua repressão: a perseguição às prostitutas e homossexuais mostrava os limites a essa liberdade; valia nessa época a sexualidade dessexualizada

da época expressava: "Quanto mais eu faço amor, mais eu tenho vontade de fazer a revolução, quanto mais eu faço a revolução, mais eu tenho vontade de fazer amor", (incluída no texto de Olgária Matos citado acima).

Já os estudantes, considerados como uma categoria social, eram uma novidade. Em *Era dos Extremos* (1994), Eric Hobsbawm acusa esse fenômeno: "Na verdade, só na década de 1960 se tornou inegável que os estudantes tinham constituído, social e politicamente, uma força muito mais importante do que jamais haviam sido, pois em 1968 as explosões do radicalismo estudantil em todo o mundo falaram mais alto que as estatísticas. Mas também estas se tornaram impossíveis de ignorar". No ensino universitário, os estudantes reclamavam também da formação excessivamente técnica, que deveria assegurar lhes um lugar no mercado.

Do ponto de vista político, é intensa a solidariedade entre os diversos movimentos realizados em distintos países. Os estudantes franceses admiraram o movimento de 1964 ocorrido em Berkeley; assumiam como sua a luta contra a exploração dos países do

terceiro mundo e contra a opressão nos países socialistas ligados a ex-União Soviética. A fronteira entre os países fora desfeita. As manifestações que gritavam "somos todos judeus-alemães", contra a perseguição a Cohn-Bendit, ilustram isso.

A organização desses movimentos se aproximava da autogestão; em cada lugar as decisões deveriam ser tomadas sem indicações prévias; negavam a existência de lideranças. O espanto dos próprios estudantes diante da rápida ampliação de seu movimento fortalecia o entendimento que havia uma força subterrânea propícia à liberdade que poderia ser posta em ação.

No que se refere à cultura, aos seus padrões morais, a luta estudantil enfrentou a dominação presente em todas as relações sociais, as segregações entre as diversas categorias. Basta dizer que, em Nanterre, no início do movimento, exigiu-se que acabasse a separação entre as dependências universitárias exclusivas para homens ou para as mulheres; em uma passeata que teve a adesão de deputados, esses eram tratados como os demais; e, como dito antes, não se preocuparam com a luta política partidária; todos deveriam ser iguais e livres. *Para* a universidade, defendiam o compartilhamento do poder; um currículo formulado, executado e avaliado por alunos e professores; e discussões sobre o emprego da tecnologia a favor do homem.

Certamente, nem todos os estudantes e trabalhadores participaram dos movimentos, e as forças conservadoras frearam a revolução. Não é possível dizer, contudo, que o movimento foi derrotado. Sobre isso, disse Marcuse na entrevista 'A Revolução em 1969' (1999): "Eu não falaria em derrota, porque na verdade o valor revolucionário desse movimento é enorme. Gostaria mesmo de afirmar que as jornadas de maio de 1968 representam uma guinada no desenvolvimento político da oposição ao capitalismo. Elas mostraram que um movimento potencialmente revolucionário também pode começar de fora do operariado e ser capaz de atrair o operariado, ou melhor, uma parte do operariado. Além disso, também se mostrou que formas completamente novas de oposição podem ter considerável sucesso".

Em várias partes do mundo, os estudantes que participaram dos movimentos dessa época tornaram-se parte de movimentos revolucionários armados, outros ingressaram na política. De todo modo, tornou-se

evidente que é possível pôr a imaginação no poder e que a oposição à sociedade opulenta não é sonho de visionário, ao contrário, tornou-se visível o mal-estar subjacente mesmo em sociedades que são democráticas em suas formas, e não no que é fundamental: nas práticas que permitem a vida digna de ser vivida. Além disso, esses movimentos contribuíram, embora difícil avaliar em que medida, para o fim da guerra do Vietnã, o fim da ditadura brasileira, o fortalecimento dos movimentos em defesa de minorias sociais (tais como os raciais e os de homossexuais), e a queda do regime soviético.

Como os jovens tinham um papel ainda não integrado ao mundo do trabalho, ao mundo adulto, puderam pensá-lo e contestá-lo. Nesse sentido, a crítica à universidade, de que nela desenvolvia-se um espírito crítico que deveria ser abandonado após a conclusão do curso não é totalmente justa, pois certamente essa formação permitiu a vários deles pensar essa, contradição e tentar superá-la.

A juventude após 1968

Após 1968, o ímpeto de modificar a sociedade tendeu a migrar para a esfera in-

Foto

"Se o conceito de juventude traz a idéia de transição, ela é marcada como idade de ouro, para a qual os sonhos dos adultos e idosos se voltam"

dividual: os cuidados com o corpo, com a imagem, as psicoterapias, a busca de bem-estar por meio de seitas orientais etc. Viver voltou a ser uma questão de adaptação: se o indivíduo está infeliz ou é inadequado, deve haver alguma explicação psíquica para isso. Somente para ilustrar o contraste entre os dias de hoje e a década de 1960, Carlos Fuentes, no texto referido acima, cita as palavras de um amigo psicanalista, quando esteve em Paris, em 1968: "Jean-Jacques, um psicanalista amigo, se queixa amargamente: 'Os consultórios têm se esvaziado, mas realmente esvaziado. A revolução substituiu o psiquiatra. Sentimos-nos inúteis. Ontem veio me ver uma moça, cliente minha, e me disse: — Vocês querem adaptar-nos a esta sociedade idiota. Nego-me a ser adaptada. Quero ser rejeitada e rejeçar o mundo atual'".

Como costuma ocorrer, quando a ordem é temporariamente suspensa, ela tende a voltar mais forte. A redução a uma única possibilidade da vida social e individual é ainda maior, pelo fim do conflito entre as duas superpotências mundiais — Estados Unidos e ex-União Soviética,

pelo fortalecimento do pensamento que o indivíduo é o responsável por suas ações, sem questionar o que o leva a agir de um modo ou de outro; a educação tecnológica continua a se contrapor à educação humanista; os partidos de esquerda, principalmente quando estão no poder, concedem ao hiper-realismo, abandonando objetivos políticos importantes. Para os jovens, o caminho voltou a ser traçado de acordo com a classe social a qual pertencem, e seus conflitos voltam a ser entendidos como problemas psicológicos ou devidos à má-educação proporcionada pela família, quando esta existe; quando não, a responsável pelos desatinos juvenis passa a ser a ausência da família considerada normal.

Os movimentos juvenis continuam a ocorrer. Estão presentes nos protestos mundiais contra a globalização, na luta pela preservação do meio ambiente, nas reivindicações por melhores condições de ensino. No Brasil, o movimento estudantil ainda se fez notar na luta contra a ditadura militar na década de 1970, e no início da década de 1990, quando contribuiu para o impeachment de

Obra da artista Orlan, que se submete a cirurgias plásticas para se modificar, explicitando e criticando o valor atribuído ao corpo na sociedade ocidental

Collor de Mello. Quase 40 anos depois do maio de 1968, em 2007, algumas reitorias de universidades brasileiras foram ocupadas por estudantes: a primeira ocupação e a mais divulgada foi a que ocorreu na Universidade de São Paulo, que durou pouco mais de 50 dias. Notável nessa ocupação foi a sua forma de organização: tal como no movimento de 1968, não pareceu existir hierarquia entre os estudantes, e líderes dificilmente puderam ser indicados. As suas reivindicações voltaram-se para vários alvos: desde as melhorias das condições de moradia estudantil até a eliminação de decretos do Governador do Estado, que traziam modificações substanciais nas universidades públicas, tendo como efeito, entre outros, perda de parte importante da autonomia universitária. Durante a ocupação, vários convidados deram aulas, entre esses, encontravam-se professores que tiveram papel importante nos movimentos da década de 1960. Também o que equipara ambos os momentos foi a repentina ocasião em que surgiu e a rapidez com que se fortaleceu. Como distinção, afinal os tempos são outros, cabe mencionar que mesmo o objetivo de caráter mais amplamente social do movimento de 2007 - o fim dos decretos do

governador — não tem o mesmo alcance social do movimento de 1968, que intencionalmente saiu dos "muros" da universidade.

Decerto, nenhum movimento pode ser examinado plenamente, e os objetivos de seus participantes ultrapassam uma pauta unificada. No entanto, em ambos os momentos, uma força social até então invisível, denominada por Cohn-Bendit de "minoría ativa", apareceu como contestação a uma ordem pretensamente racional. De todo modo, a distinção do alcance dos movimentos, no que for correta, precisa ser explicada, não somente reconhecendo que ocorreram em épocas distintas, mas também que o alcance de reivindicação desse movimento diminuiu.

Uma possível explicação é que as forças que os movimentos de 1968 combateram estão mais do que nunca ativas. Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, símbolo do fim do socialismo soviético, a contestação de uma única forma de sociedade — a capitalista — enfraqueceu, e o mundo se tornou mais unidimensional do que antes, quando o conflito entre as duas superpotências se expressava nas ameaças presentes na Guerra Fria. Na década de 1980 e nas seguintes, o modelo do Estado do Bem-Estar Social europeu e americano cedeu a vez ao neoliberalismo. O domínio da ação empresarial se fortaleceu em detrimento de ações governamentais, diminuindo as pretensões de um mundo socialmente mais justo. As forças de esquerda, além de terem de entender o que aconteceu na ex-União Soviética, precisam apresentar um novo modelo socialista, um que defenda efetivamente o socialismo democrático; como as vias revolucionárias estão cada vez mais fechadas, a conquista do poder político, já presente no Partido Comunista Francês e na Central dos Trabalhadores da década de 1960, tornou-se a possibilidade mais realista de "revolucionar" o mundo. No que se refere à sexualidade, esta está cada vez mais próxima da higiene e da saúde; se o movimento dos homossexuais se fortaleceu, eles continuam a ser perseguidos e assassinados. Se a adaptação dos indivíduos já era forte na década de 1960, agora a possibilidade de emancipação social e individual parece cada vez mais distante. Se os jovens estudantes da área de humanas puderam ter uma formação crítica no passado, hoje, com a necessidade de encontrar "um lugar ao Sol no mercado", a formação



© Orlan, Mikanga Mask, resplandecente branco e metálico, a face de uma mulher Euro-Stephaneuse, 2000. Reprodução



© Andy Warhol, Marilyn Monroe III, serigrafia e pintura sobre tela, 1967. Reprodução

educacionais

Serigrafia do artista americano Andy Warhol, um dos mais importantes nomes da Pop Art: "Porque os jovens tinham um papel ainda não integrado ao mundo do trabalho, ao mundo adulto, puderam pensá-lo e contestá-lo"

converteu a crítica em forma de aperfeiçoar o existente, ou seja, também serve à adaptação, e parece não enfatizar mais a compreensão histórica das modificações sociais. O dito "mercado" torna-se cada vez mais restrito e dependente dos monopólios que o descharacterizam como mercado. Dessa forma, os trabalhadores, e os jovens entre eles, precisam de alternativas para poder sobreviver. As transformações objetivas, que diminuem a possibilidade de empregos, reduzem o alcance da consciência, que se torna mais limitada, ainda que presente.

Para o jovem, ainda resta o ímpeto presente nos movimentos sociais, entre eles o estudantil, alternativa mais próxima, porém, às classes com melhores condições de vida material. Os pobres tendem a se adaptar aos baixos salários ou a se arriscar em trabalhos marginais, o que não é exclusividade deles. De todo modo, a categoria social em que se converteram é algo que parece irreversível. E como pudemos aprender pelos movimentos de 1968, essa categoria não apenas estimula outros movimentos, como também consegue propor alterações que vão além do mundo do trabalho. Os questionamentos, as idéias, as práticas do passado, que se apre-

sentam ainda hoje nos movimentos juvenis, demonstram esse aprendizado.

A moratória da juventude, presente nas camadas sociais de maior poder aquisitivo, parece ter se ampliado e não são poucos os jovens que durante o curso universitário, ou após a sua conclusão, viajam para outros países, sem pressa para ingressar no mercado de trabalho. O tempo de convivência com os pais se ampliou; o casamento e a geração de filhos foram adiados, isso quando ocorrem. Devido ao aumento da expectativa de vida, a ampliação do tempo de juventude deve ser vista como uma conquista, se efetivamente esses jovens continuarem a representar os sonhos de uma sociedade justa e de uma vida digna. Como categoria social, deve ser considerada como um franco impulso para as mudanças, desde que sua formação possa preparar os jovens para a crítica social constante, crítica esta que possibilite um espírito jovem na vida adulta e na velhice, enquanto a sociedade ainda abriga a miséria e o sofrimento.

José Leon Crochík é docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e bolsista do CNPq.